

A COSMOVISÃO CRISTÃ EM LIVROS DIDÁTICOS: APONTAMENTOS DE UMA EXPERIÊNCIA NO SISTEMA MACKENZIE DE ENSINO

*Filipe Costa Fontes**

RESUMO

Este artigo é o relato de uma experiência de aplicação da cosmovisão cristã a livros didáticos em um período da história do Sistema Mackenzie de Ensino (2011-2014). Ele apresenta duas convicções que regeram essa aplicação, algumas estratégias práticas que foram adotadas em sua realização e a importância de um edifício teórico-filosófico particular, a filosofia reformacional, na elaboração das mesmas. Consciente de seu aspecto subjetivo e de suas limitações temporais, o artigo não se apresenta como uma proposta normativa, mas como um relato que se pretende reflexivo e instrucional. Seu objetivo é registrar parte de um processo criativo relacionado à educação cristã, promovendo reflexões sobre as questões que estão em seu entorno, auxiliando assim aqueles que estão envolvidos no desafio de aplicação da cosmovisão cristã à atividade pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE

Educação cristã; Cosmovisão cristã; Livros didáticos; Pedagogia cristã; Sistema Mackenzie de Ensino.

* Mestre e doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; mestre em Teologia Filosófica pelo CPAJ; licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção; graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição; professor assistente de Teologia Filosófica no CPAJ.

INTRODUÇÃO

Uma das ênfases da fé reformada é a de que Jesus Cristo é o Senhor sobre todas as coisas e seu governo deve ser vivenciado pelos que reconhecem isto, em todas as esferas da vida.¹ Num certo sentido, esse entendimento foi compartilhado por todos os herdeiros da Reforma. Mas foi entre os calvinistas que ele recebeu melhor articulação e, conseqüentemente, maiores iniciativas de aplicação. É isso que explica, por exemplo, o forte engajamento dos calvinistas com a educação. Como afirma Ray Pennings:

Historicamente, os calvinistas têm desempenhado um papel elevado em promover a educação. Calvino estava convencido de que a instrução e a educação eram necessárias para que cada pessoa manejasse corretamente a Palavra de Deus; por isso, ele promoveu um sistema de educação universal. O modelo educacional de Genebra, que começou com uma academia e resultou em uma universidade, foi reconhecido como um dos melhores da Europa naquele tempo.²

Esse empenho pedagógico dos calvinistas não se limitou às fronteiras europeias, nem ao período da Reforma. Nos Estados Unidos, algumas das universidades que, atualmente, estão entre as mais conhecidas e admiradas do mundo, como Harvard (1636), Yale (1701) e Princeton (1746), tiveram berço calvinista – embora algumas delas já não guardem grande relação com seus ideais de origem.³ No Brasil, o ideal de uma escola ao lado de cada igreja legendou os primeiros anos do trabalho missionário presbiteriano – a maior denominação calvinista que se estabeleceu por aqui. Alguns frutos deste plantio germinaram, e um dos que mais cresceram comemora presentemente 150 anos de existência. Refiro-me ao Mackenzie, que nasceu em 1870 como a pequenina Escola Americana, fundada pelo casal de missionários George e Mary Chamberlain.

Ao longo desses 150 anos, o Mackenzie tem prestado diferentes serviços à igreja e à sociedade. Um deles, ainda relativamente jovem, é o Sistema

¹ A linguagem, aqui, reverbera a tradição neocalvinista, mais especificamente, a teoria das esferas elaborada por Abraham Kuyper. Cf. KUYPER, A. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

² PENNING, R. “Uma teologia para toda a vida”. In: BEEKE, J. R. (Org.). *Vivendo para a glória de Deus*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2019, p. 328. Samuel Blumenfeld explica a razão pela qual a educação foi um ponto tão central para os reformadores: “Uma vez que a rebelião protestante contra Roma se levantou em parte como resultado do estudo da interpretação da Bíblia, tornou-se óbvio para os líderes protestantes que se o movimento da Reforma deveria sobreviver e florescer, a leitura da Bíblia, em larga escala, em todos os níveis da sociedade, seria absolutamente necessária. A Bíblia deveria ser a autoridade moral e espiritual na vida de todos os homens; portanto, seu conhecimento íntimo era imperativo para que a nova ordem social protestante se enraizasse”. BLUMENFELD, S. “Is public education necessary?”. Apud DEMAR, G. *Quem controla a escola governa o mundo*. Brasília, DF: Monergismo, 2014, p. 45-46.

³ Cf. PLANTINGA JR., C. *O crente no mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 9-18.

Mackenzie de Ensino (SME), nascido em 2004 como um esforço de realização editorial da proposta pedagógica da instituição – que é distinta da maioria das outras propostas em virtude de seu fundamento cristão reformado – através da produção de livros didáticos destinados à educação básica.

Essa não é a primeira vez que os presbiterianos brasileiros contribuem para o cenário pedagógico nacional através da produção de livros didáticos. Em um artigo intitulado “A Atividade Literária dos Presbiterianos no Brasil”, o Dr. Alderi Matos afirma que, ao longo da história, vários autores presbiterianos se notabilizaram por isso:

Antônio Bandeira Trajano, com suas obras *Aritmética primária*, *Aritmética elementar*, *Aritmética progressiva* e *Álgebra elementar*; Modesto Carvalhosa, com *Lições práticas de escrituração mercantil*, e Eduardo Carlos Pereira, com sua famosa série de gramáticas para os cursos médio e superior (*Gramática expositiva – curso elementar*, *Gramática expositiva – curso superior* e *Gramática histórica*), o que o levou a ser considerado um dos sistematizadores do ensino da língua portuguesa. Erasmo Braga produziu a *Série Braga*, um conjunto de quatro livros de leitura para a escola primária, que alcançaram mais de cem edições e foram utilizados em todo o Brasil. Otoniel Mota também contribuiu com algumas obras úteis nessa área, tais como *O meu idioma*, *Lições de português* e um comentário do poema Os Lusíadas.⁴

A iniciativa do Mackenzie, contudo, é inovadora, considerada a sua extensão. É a primeira vez que um sistema de ensino completo, baseado em fundamentos cristãos reformados, é produzido e amplamente utilizado no Brasil. Logo nos primeiros anos de produção, o fruto dessa iniciativa, inicialmente interna, passou a ser compartilhado com diferentes escolas no Brasil, que passaram a utilizar os livros do SME como recurso pedagógico em suas salas de aula. No momento em que este artigo está sendo escrito (maio de 2020) o SME conta com aproximadamente 400 escolas parceiras e está nas mãos de cerca de 70.000 estudantes.

O objetivo deste artigo não é narrar a história do Sistema Mackenzie de Ensino. Isso exigiria bem mais do que um artigo. E certamente há outras pessoas que poderiam fazer isso bem melhor do que eu, visto que o meu ingresso no SME se deu apenas em 2011, e para o exercício de uma função específica, relacionada à produção do material: a de consultor teológico-filosófico. Meu objetivo é apenas enunciar duas convicções que regeram a aplicação da cosmovisão cristã ao material do SME, durante o período em que estive mais ativamente envolvido com a sua produção, os anos de 2011 a 2014.

⁴ MATOS, Alderi S. “A atividade literária dos presbiterianos no Brasil”. *Fides Reformata* XII-2 (2007), p. 58.

O texto, portanto, tem algo de biográfico, além de ser historicamente datado. Nos últimos seis anos, aconteceram muitas mudanças de aplicação, tanto pela possibilidade de aprofundamento, quanto pela necessidade de correções de rota, o que é absolutamente esperado em um projeto pioneiro. O leitor deve estar avisado de que, por essa razão, este texto nasce desatualizado. Ainda assim, ele nasce! Nasce como um tributo de gratidão a Deus e a todos aqueles que, sob a autoridade dele, envidaram esforços para que o SME fosse gestado, nascesse e pudesse se desenvolver; e como registro histórico de um complexo processo de criação. O meu desejo é que, além de trazer boas memórias, esse registro seja uma constante lembrança de nossa identidade e seja útil no sentido de auxiliar a outros que, eventualmente, se disponham a atividade semelhante no futuro, nesta ou em outras instituições.

1. A NATUREZA FUNDAMENTAL DA COSMOVISÃO CRISTÃ

A primeira convicção importante sobre a aplicação da cosmovisão cristã ao material do SME, vigente naquele período, era a de que a cosmovisão cristã deveria exercer um lugar de centralidade, tanto no direcionamento da abordagem pedagógica utilizada pelo material, quanto na abordagem dos conteúdos de cada uma das disciplinas que compunham o curriculum escolar e para as quais os livros estavam sendo produzidos.

Além de reverberar a própria proposta pedagógica original do SME,⁵ essa convicção se sustentava na compreensão do lugar que uma cosmovisão exerce em nossa estrutura epistêmica. James Sire define cosmovisão como:

[...] um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma narrativa ou como um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que nós sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento sobre o qual nós vivemos, nos movemos e existimos.⁶

⁵ O item 2.1 da Proposta Pedagógica original do SME, intitulado “*Ser confessional*”, diz o seguinte: “Ser confessional pressupõe um credo. Como o nome já indica, uma confissão é um conjunto de conceitos e valores que declaramos ser a expressão da verdade. Uma escola confessional é aquela que adota uma confissão explícita no desempenho de suas atividades. A confissão pela qual o Mackenzie se rege é a da sua Mantenedora, que se encontra explicitada em seu principal símbolo de fé: a Confissão de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil. A prática do ensino requer uma filosofia de educação, que, por sua vez, exige ideias, métodos e valores e se orienta para um ideal na educação. *Por trás disso, e influenciando cada escolha que se faz, está uma concepção de vida, de mundo, do ser humano, que por fim irá determinar o método.* O que são essas coisas senão uma confissão? Mesmo universidades públicas têm seu credo. O humanismo, por exemplo, tem seu credo e sua confissão. A diferença, no caso de entidades confessionais como a do Mackenzie, é que este credo é explicitamente e objetivamente assumido” (grifos meus).

⁶ SIRE, J. W. *Naming the Elephant: Worldview as a Concept*. Downers Grove, IL.: Intervarsity, 2004, p. 122.

Como percebemos nessa definição, uma das características próprias de uma cosmovisão é *basicidade*.⁷ Uma cosmovisão é isso: um conjunto de crenças básicas que exerce determinação sobre a maneira como interpretamos a realidade e a maneira como atuamos, agimos e reagimos nela. De alguma forma, tudo o que fazemos é consequência de nossa cosmovisão.

Ao trabalhar, portanto, com a ideia de que a cosmovisão cristã deveria ser o fundamento da pedagogia utilizada pelo material e da abordagem dos conteúdos que seria oferecida por ele em cada uma das disciplinas curriculares, o SME estava, por um lado, simplesmente reconhecendo algo de nosso *status quo* epistêmico. Mas, por outro – o que é mais significativo – ele estava afirmando a importância de que todos os processos envolvidos em sua elaboração refletissem, de maneira consciente e intencional, a visão de mundo que o projeto assumia em sua proposta pedagógica. Um material didático que efetivamente reverberasse a proposta pedagógica de uma instituição cristã, como é o caso do Mackenzie, não poderia ser elaborado a menos que a cosmovisão cristã exercesse, intencionalmente, o seu papel de guia.

Embora, na teoria, isso possa parecer simples, na prática o desafio é bem complexo. Dentre outras razões, porque as teorias que se estabeleceram e que, atualmente, desfrutam de maior reconhecimento, tanto no cenário pedagógico quanto científico, estão longe de reverberar uma cosmovisão cristã. Na verdade, essas teorias foram construídas sobre o fundamento de cosmovisões rivais. A maioria delas nasceu no mundo moderno ou contemporâneo, mundos que, apesar de distintos, resguardam semelhanças pelo fato de terem sido, ambos, com maior ou menor intensidade, influenciados pelo processo de secularização. Por essa razão, essas teorias geralmente se sustentam sobre uma visão materialista da natureza e historicista de cultura. Num cenário como esse, como seria possível esposar uma teoria de aprendizagem ou do desenvolvimento (no caso da pedagogia), ou então uma teoria linguística ou uma teoria da história (no caso das disciplinas) que reverberasse os pressupostos cristãos?

Neste ponto, encontramos uma significativa contribuição na filosofia reformacional: uma proposta filosófica de matriz cristã reformada, desenvolvida a partir das reflexões de dois pensadores holandeses: Herman Dooyeweerd (1894-1977), mais conhecido no Brasil, e o seu cunhado, ainda bem desconhecido por aqui, Dirk Hendrik Theodoor Vollenhoven (1892-1978). Inicialmente, essa filosofia nos serviu fundamentando a nossa estratégia de interação com as diferentes teorias, que se baseou em um binômio elaborado por ela: o binômio *diálogo e antítese*.

⁷ Uma tradução livre do termo inglês *basicity*, comum na filosofia analítica e utilizado pelo filósofo cristão Alvin Plantinga. Cf. CARVALHO, G. V. R. “A ‘basicidade’ da crença em Deus segundo Alvin Plantinga: uma apresentação”. *Horizonte* (Belo Horizonte), v. 4, n. 8 (jun. 2006), p. 97-113.

Sustentada pela doutrina da criação e por algumas das suas implicações, como, por exemplo, a doutrina da graça comum e a afirmação do caráter normativo da realidade criada,⁸ a filosofia reformacional sustenta que pensadores não cristãos podem chegar ao conhecimento de momentos de verdade sobre o mundo, e que o pensador cristão não deveria ignorar esses momentos de verdade na elaboração de seu pensamento. Neste ponto, referido pelo binômio como *diálogo*, a filosofia reformacional não está inovando, mas apenas reverberando o entendimento da filosofia⁹ e da teologia¹⁰ cristã clássicas.

Ao mesmo tempo, a filosofia reformacional enfatiza que “a graça comum não elimina a oposição entre o motivo básico da religião cristã e os motivos básicos apóstatas”.¹¹ Motivo básico é uma expressão técnica, utilizada para se referir ao direcionamento religioso que, segundo essa proposta filosófica, é a condição final de todo pensamento e cultura, e, portanto, o elemento determinante de seu sentido geral. A implicação disso é que o diálogo nunca deve visar a uma síntese teórica. Ou seja, embora seja legítimo se apropriar dos momentos de verdade que estão presentes no pensamento apóstata, e seja verdade que eles podem ser úteis, o pensador cristão jamais deve supor que uma estrutura geral de pensamento verdadeira pode ser obtida por meio de uma teia de movimentos sintéticos. O alvo do diálogo, ao invés de ser esse, é a restauração da comunidade científica e filosófica de pensamento.¹²

⁸ Dooyeweerd sustenta que a possibilidade de um contato real entre as diferentes escolas filosóficas, inclusive o diálogo entre uma escola cristã e outra apóstata, se deve a quatro razões: “(1) todos os filósofos buscam explicar a mesma realidade; (2) conseqüentemente, todos os filósofos lidam com o mesmo estado de coisas [*state of affairs*] para verificar seus apontamentos; (3) todos os filósofos estão sujeitos às leis estruturais do pensamento teórico, e conseqüentemente todos eles usam as mesmas regras para determinar a validade de seus argumentos; (4) no que diz respeito à filosofia ocidental, todos os filósofos participam da mesma tradição histórica ou comunidade de pensamento” (DOOYEWEERD, H. “Het Wijsgeerig Tweegesprek tusschen de Thomistische Philosophie en de Wijsbegeerte der Wetsidee” [O diálogo filosófico entre a filosofia tomista e a filosofia da ideia de lei]. In: BRUMMER, V. *The Dilemma of a Christian Philosophy*. Essays Dedicated to Professor Dr. Herman Dooyeweerd. Kampen, 1965, p. 167.

⁹ “Os que são chamados filósofos (...) quando puderam, por vezes, enunciar teses verdadeiras e compatíveis com a nossa fé, é preciso não somente não serem eles temidos nem evitados, mas antes que reivindicamos essas verdades para nosso uso, como alguém que retoma seus bens a possuidores injustos”. Cf. SANTO AGOSTINHO. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. II, 41.60. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 149-150.

¹⁰ “Quantas vezes, pois, entramos em contato com escritores profanos, somos advertidos por essa luz da verdade que neles esplende admirável, de que a mente do homem, quanto possível decaída e pervertida de sua integridade, no entanto é ainda agora vestida e adornada de excelentes dons divinos”. CALVINO, João. *Institutas*, II, 2.15.

¹¹ DOOYEWEERD, H. *Roots of Western Culture: Pagan, Secular, and Christian Options*. Toronto: Wedge, 1979, p. 38.

¹² *Ibid.*, p. 6.

Na prática, o binômio diálogo e antítese promoveu, no SME, o esforço por uma análise crítica bíblicamente orientada de propostas pedagógicas e teorias científicas. De um lado, ele legitimou, no trato com o material, a utilização de descobertas verdadeiras feitas por pensadores não cristãos. Mas, de outro, ele estabeleceu o pressuposto de que jamais poderíamos assumir qualquer uma das teorias pedagógicas ou científicas “sacralizadas” pela academia em sua integralidade, nem deixar de depurar o momento de verdade percebido, livrando-o das impurezas que ele necessariamente carrega em virtude da presença em um quadro geral comprometido. E, partindo deste pressuposto, inaugurou a estratégia de um constante esforço analítico (no sentido cartesiano, de separar as partes) na relação com as mais diferentes teorias, a fim de verificar onde, e em que sentido, se davam suas aproximações e distanciamentos com a cosmovisão cristã, a fim de valer-nos, parcialmente, dessas aproximações, encaixando-as num quadro geral orientado, definitivamente, pelos princípios da cosmovisão cristã, geralmente expostos por meio de um detalhamento da tríade básica: criação, queda e redenção.

É importante enfatizar a necessidade dessas ações derivadas do polo antítese para a manutenção da pureza do pensamento cristão. Como afirmou Dooyeweerd em *As Raízes da Cultura Ocidental*, quando momentos de verdade são integrados numa falsa concepção da totalidade da realidade, “eles se tornam a arma mais perigosa e venenosa do espírito da mentira”.¹³ Por considerar esse perigo, já naquele período compartilhávamos o entendimento de que era necessário transcender esse esforço inicial. Nós acreditávamos que o aprofundamento do impacto da cosmovisão cristã em uma iniciativa de natureza acadêmica poderia ser mais significativo à medida em que um edifício teológico-filosófico sistematizado, que oferecesse categorias apropriadas para a elaboração de uma pedagogia cristã e de uma visão cristã das ciências particulares, fosse assumido como *background* e passasse a fazer parte de nossa estrutura de plausibilidade.¹⁴ A sensação geral era a de que, em virtude de seu comprometimento cristão radical e de seus muitos desenvolvimentos aplicativos, a própria filosofia reformacional poderia ser esse edifício. O desafio era a sua popularização interna.

2. A NATUREZA ESTRUTURAL DA COSMOVISÃO CRISTÃ

No cenário brasileiro, a aplicação da cosmovisão cristã à tarefa pedagógica, especialmente à de abordagem dos conteúdos, costuma ser descrita em

¹³ DOOYEWEERD, H. *As raízes da cultura ocidental*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 77.

¹⁴ Conceito oriundo da sociologia do conhecimento que define um conjunto de crenças e comportamentos compartilhados que atingem alto nível de aceitação coletiva em um determinado grupo social. Cf. BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 79-81.

termos de integração. Suspeito que o uso do termo *integração* por esse cenário não é, propriamente, um uso técnico. Se eu estiver equivocado, talvez o uso não seja tão rigoroso. Tecnicamente, integração designa:

[...] uma teoria da concepção curricular que está preocupada em aumentar as possibilidades para a integração pessoal e social através da organização de um currículo em torno de problemas e de questões significativas, identificadas em conjunto por educadores e jovens, independentemente das linhas de demarcação das disciplinas.¹⁵

Mas, na maioria das vezes em que o termo é utilizado, seja como sinônimo ou como adjetivo (educação ou ensino integrado), ele não pressupõe toda essa defesa – mesmo no ambiente pedagógico comumente chamado de secular. Na verdade, muito raramente a defesa de uma educação integrada inclui a proposta de eliminação das linhas de demarcação das disciplinas, por exemplo. O mais comum é falar-se em educação integrada ou em ensino integrado, com o pressuposto de que é possível promover esse tipo de educação ou ensino mantendo essas linhas. Ao que parece, o termo integração é utilizado em referência ao esforço para fugir do problema central combatido pela teoria que surgiu no início do século 20 e recebeu este nome. Refiro-me à desconexão do currículo que é causada pela excessiva especialização das áreas do conhecimento. Qualquer proposta pedagógica que se proponha a isso recebe o título de educação integrada.

Muitas vezes, quando se referem à integração, os educadores cristãos têm em mente um momento específico na vida escolar e, principalmente, durante o ensino, em que a relação entre um determinado conteúdo disciplinar e o ensino bíblico é explicitada. A relação pode ser dupla: positiva ou negativa. Às vezes, o conteúdo ensinado confirma a veracidade do ensino bíblico e vice-versa; outras vezes, ele se choca com o ensino bíblico e precisa ser questionado e contraposto por ele. Uma evidência de que essa é uma compreensão bastante comum é que, geralmente, se fala em integração COM a cosmovisão cristã, e essa forma de falar sugere que a relação em vista é a de aproximação ou distanciamento entre duas coisas separadas.

De certa forma, a segunda convicção que determinou o impacto da cosmovisão cristã sobre o material produzido pelo Sistema Mackenzie de Ensino, no período a que se refere este artigo, considerava que esse entendimento de integração é superficial e propunha um entendimento mais profundo.¹⁶ Essa

¹⁵ BEANE, J. *Integração curricular: a concepção do núcleo da educação democrática*. Lisboa: Didáctica Editora, 1997, p. 30.

¹⁶ Nosso entendimento seguia e, de alguma forma, extrapolava o entendimento de Colson e Pearcey, que afirmam em *E agora como viveremos?*: “A educação cristã não se resume em começar uma aula com a leitura da Bíblia e oração, para então ensinar assuntos que não estejam nos livros escolares. Consiste

convicção era a de que a cosmovisão cristã não deveria ser vista como um conjunto externo de crenças às quais o material fazia referência em momentos específicos, mas como um conjunto de crenças que deveria estar encarnado no material como um todo, determinando as diferentes camadas que compunham tanto o processo de produção, quanto o produto final. Ao invés de falar em integração com a cosmovisão cristã, a ideia era a de seria mais adequado falar em integração PELA cosmovisão cristã, deixando claro a natureza dinâmica e transformadora dessa cosmovisão.

Com maior ou menor profundidade e, até, de maneira mais ou menos acertada, essa convicção impactou o material que foi produzido naquele período, pelo menos de três formas diferentes que me vêm à mente de imediato. Esses impactos foram:

a) Um projeto gráfico expressivo e acessível. Na história do SME, os anos a que este artigo se refere (2011-2014) foram os anos finais de produção da primeira versão do material do Ensino Fundamental 2, e de projeção e início de produção da primeira versão do Ensino Médio. Algo marcante, no caso deste último, foi que a definição do projeto gráfico dos livros teve como critério, dentre outras coisas, o entendimento e a expressão de crenças características da cosmovisão cristã. Aspectos estruturais dessa cosmovisão, como a relação entre unidade e multiplicidade, por exemplo, foi contemplada na presença de semelhanças (imagens) e diferenças (cores) nos livros da mesma disciplina em anos diferentes do período escolar. E aspectos doutrinários, como o da criação do homem à imagem e semelhança de Deus, por exemplo, também foram considerados. Elementos como o peso do papel e a acessibilidade dos livros a pessoas com necessidades especiais foram discutidos a partir da compreensão da dignidade daqueles a quem educamos.

b) Uma organização temática dos conteúdos disciplinares. No que diz respeito aos conteúdos, o SME sempre teve muito respeito para com as decisões governamentais. Como padrão geral, nada diferente poderia ser esperado de um projeto que sustenta uma cosmovisão cristã, segundo a qual o princípio de autoridade possui origem criacional, e para a qual a reação mais natural dos subordinados aos seus líderes é a de submissão. Os documentos oficiais e suas informações sobre os conteúdos a serem trabalhados em cada etapa da

em ensinar tudo, de ciências e matemática a literatura e artes, dentro da estrutura de uma visão de mundo bíblica e integrada. Significa ensinar os estudantes a relacionarem todas as disciplinas acadêmicas à verdade de Deus e sua autorrevelação nas Escrituras, enquanto detectam e criticam as afirmativas da visão de mundo não-bíblica”. COLSON, C.; PEARCEY, N. *E agora como viveremos?* 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 399. Dizemos que o nosso entendimento extrapolava o de Colson e Pearcey porque incluíamos sob a necessidade do impacto da cosmovisão cristã os elementos estruturais que circundam a abordagem dos conteúdos.

escolarização sempre tiveram importante peso na elaboração dos livros. Mas, tendo em vista que esses documentos oferecem diretrizes e não determinações rigorosas, e, principalmente, que eles não impõem uma forma de organização do conteúdo proposto para cada etapa, os livros produzidos nesse período organizavam o conteúdo disciplinar em torno de temas, geralmente relacionados à tríplex relação humana: com Deus, com os semelhantes e com o mundo. Isso é o que, na teologia reformada, costumamos chamar de mandatos criacionais.¹⁷ Essa organização temática tencionava ser um caminho de integração. Ela buscava promover a interação harmônica entre os temas das unidades, capítulos, textos e exercícios, reverberando a ideia cristã de coerência de significado em meio à diversidade e não de caos, além de oferecer oportunidades de valorização da moralidade cristã. Esse modelo foi bastante satisfatório por algum tempo, mas aos poucos a necessidade de transcender a dimensão da moralidade começou a ser sentida.

c) *Uma abordagem crítica*¹⁸ dos conteúdos. O pressuposto apresentado no início deste artigo – o da que a nossa cosmovisão determina a maneira como interpretamos a realidade e atuamos nela – foi aplicado à abordagem dos conteúdos no SME. O resultado foi um ensino crítico que, na prática, se mostrava em duas características. A primeira é a pluralidade. Ao contrário da maior parte dos sistemas e livros didáticos disponíveis no mercado naquele período, o SME procurava tratar um determinado conteúdo apresentando a variedade de abordagens que ele recebe em seu campo de origem. Obviamente, nem todas as abordagens possíveis de um conteúdo era apresentada sempre. Quando o número de abordagens possíveis era muito grande, seguíamos o critério da relevância existencial, cultural e acadêmica. Normalmente, essa quantidade e variedade é maior ou menor a depender da disciplina. Determinadas áreas do saber possuem maior variedade de abordagens na análise de seu objeto, enquanto em outras áreas a variedade é menor. Dentre outras coisas, isso se deve ao nível de autoevidência ou evidência empírica do objeto em

¹⁷ Para maiores informações sobre os mandatos criacionais, cf. VAN GRONINGEN, G. *Criação e consumação*. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

¹⁸ Utilizamos o termo aqui no seu sentido técnico original: o de desvelamento das razões fundamentais de um determinado pensamento. Este é o sentido atribuído ao termo por um dos pioneiros em sua utilização, o filósofo idealista Immanuel Kant, conforme se percebe na passagem a seguir, de *A Crítica da Razão Pura*: “Não podemos denominá-la [a filosofia transcendental] propriamente doutrina, mas somente crítica transcendental, porque ela não tem em vista a ampliação do conhecimento mesmo, mas apenas a sua retificação, devendo fornecer a pedra de toque que decide sobre o valor ou desvalor de todos os conhecimentos *a priori*. (...) Ora, é verdade que nossa Crítica deve certamente pôr-se também diante dos olhos uma completa enumeração de todos os conceitos primitivos que constituem o referido conhecimento puro”. KANT, Immanuel. *A crítica da razão pura*. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 33-34.

questão. Quanto maior é o nível de autoevidência do objeto de uma área do conhecimento, menor é a variedade de abordagens. É o que acontece com a matemática, por exemplo, em que a variedade é quase inexistente – pelo menos na apresentação mais popular. Quanto menor é o nível de autoevidência ou evidência empírica do objeto, maior tende a ser a variedade na abordagem dele. É o caso de disciplinas como Artes, História, Geografia, Línguas, Ciências, Filosofia e Sociologia, por exemplo. A segunda característica é a honestidade. Dizemos que ensino oferecido pelo SME era mais honesto, no sentido de que ele procurava distinguir as conclusões teórico-científicas dos pressupostos que as determinam, deixando claro, até onde é possível, o que é conteúdo e o que é cosmovisão ou compromisso fiduciário/religioso. Essa abordagem crítica, além de fazer justiça à antropologia e à epistemologia cristãs, segundo as quais todo conhecimento teórico possui um substrato religioso, procurava fazer justiça à complexidade irreduzível da realidade criada, expurgando perspectivas reducionistas e abstracionistas que são tão comuns nos dias atuais.

Esses são alguns exemplos de como, naquele período do SME, a ideia de integração procurava transcender as relações ocasionais existentes entre os conteúdos disciplinares e o ensino bíblico. Para além dessas relações, víamos a aplicação da cosmovisão cristã como sinônimo de encarnar os princípios centrais da fé cristã no corpo do material, o que tinha a ver com coisas que, de uma perspectiva confessional, costumam parecer irrelevantes para a maioria das pessoas, como o projeto gráfico dos livros por exemplo, passando pela escolha e a organização dos conteúdos, até atingir a abordagem deles propriamente dita.

Neste ponto, a filosofia reformacional nos foi útil outra vez. A natureza dos pressupostos que deveriam ser escancarados através do exercício crítico, por exemplo, foi determinada pela antropologia e a epistemologia cristãs, como articuladas por essa filosofia.¹⁹ Foi a ênfase reformacional de que o homem é um ser fundamentalmente religioso, e de que, portanto, seus empreendimentos são religiosos por natureza, que ditou a profundidade de nosso exercício crítico, estimulando-nos a ir além dos pressupostos teóricos, como acontece em análises de matriz positivista, ou dos pressupostos históricos, como acontece nas de matriz historicista, para atingir a dimensão religiosa, a da relação criatura/Criador.

No que diz respeito à extensão do impacto da cosmovisão cristã, tanto sobre a produção do material em si, quanto sobre a realidade como um todo, por ocasião da abordagem de conteúdo, a inspiração vinha da teoria das modalidades de Herman Dooyeweerd. Em resumo, nessa teoria Dooyeweerd distingue a

¹⁹ Para maiores informações sobre a teoria das modalidades, cf. DOOYEWEERD, H. *No crepúsculo do pensamento ocidental: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. Brasília, DF: Monergismo, 2017, cap. 8.

nossa experiência da realidade em três diferentes horizontes, e, em um deles, aponta quinze diferentes modos de ser nos quais funcionamos, ora como sujeito, ora como objeto, por ocasião de nossa experiência pré-teórica. Do mais simples para o mais complexo, esses modos ou aspectos são o numérico, o espacial, o cinemático, o físico-químico, o biológico, o psíquico, o analítico, o histórico, o linguístico, o social, o econômico, o estético, o jurídico, o ético e o pístico (relativo à fé). Cada um desses aspectos tem a sua singularidade definida por seu respectivo núcleo de sentido ou significado e é regido por uma estrutura de lei particular, criada consecutivamente a cada um deles. Ao mesmo tempo em que desfrutam de singularidade, eles se encontram numa intrincada teia de relações, formando um todo complexo que expressa a grandeza e sabedoria do Criador.²⁰

Essa teoria foi frequentemente utilizada como medida do impacto da cosmovisão cristã sobre as nossas atividades, mostrando o quanto nossas propostas e análises faziam justiça, ou não, à riqueza da realidade criada e à extensão do governo de Deus sobre ela. E seu impacto foi tanto geral quanto específico. Ambos são frutos dela: o esforço por expressar a cosmovisão cristã no projeto gráfico do material e uma abordagem não reducionista de um fato histórico, por exemplo.

CONCLUSÃO

Como vimos neste breve texto, ao longo da história os reformados têm se caracterizado pelo desejo de vivenciar o senhorio de Cristo em todas as esferas da vida. Como resultado desse desejo, os reformados têm não apenas aberto escolas e universidades ao redor do mundo, mas também produzido teorias e livros que auxiliam esses espaços de ensino a se desenvolverem em conformidade com a cosmovisão que sustentam. O Sistema Mackenzie de Ensino é parte deste esforço, aqui em nossa nação, realizado pela Igreja Presbiteriana do Brasil por meio do Instituto Presbiteriano Mackenzie.

O que procuramos fazer nas páginas precedentes foi oferecer um relato a respeito de como a questão da aplicação da cosmovisão cristã foi vista em um período específico da história do SME, os anos de 2011 a 2014, elucidando algumas estratégias de aplicação e apontando a importância de uma teoria filosófica particular para ela. Nossa expectativa é que este relato historicamente datado e de tom autobiográfico tenha alguma utilidade histórica, visto que documenta as percepções de um participante do projeto, em um período particular. Esperamos também que ele tenha utilidade pedagógica, e, de alguma forma, possa servir de encorajamento e oferecer oportunidades de reflexão para aqueles que estão envolvidos no desafio de promover a educação cristã,

²⁰ Para maiores informações sobre a teoria das modalidades, cf. KALSBECK, L. *Contours of a Christian Philosophy: An Introduction to Herman Dooyeweerd's Thought*. Toronto: Wedge, 1981, p. 100.

principalmente aqueles que estão no fronte da batalha, produzindo conteúdo e acompanhando estudantes. Ficaremos muito satisfeitos, por exemplo, se ele vier a auxiliar, no futuro, alguém que se lançar ao desafio a que o Mackenzie se lançou, pioneiramente, a partir de 2004. Finalmente, esperamos que este relato tenha utilidade espiritual, ou seja, que visualizar o que Deus tem feito em nossa história e na história de nossas instituições seja encorajador e nos estimule à gratidão, adoração e serviço a Ele.

ABSTRACT

This essay describes an experience in the application of the Christian worldview to schoolbooks during a period in the history of the Mackenzie Teaching System (2011-2014). It presents two convictions that guided such application, some practical strategies that were adopted in its implementation, and the importance of a particular theoretical-philosophical framework in their preparation, i.e., reformational philosophy. Being aware of the subjective aspects and temporal limitations of this essay, the author does not intend to present a normative proposal, but a report that is both reflexive and instructional. His objective is to preserve a part of a creative process related to Christian education, offering reflections on the contextual questions and helping those involved in the challenge of applying the Christian worldview to the pedagogical activity.

KEYWORDS

Christian education; Christian worldview; Schoolbooks; Christian pedagogy; Mackenzie Teaching System.